

FOLHA DE SÃO PAULO Antes e depois

LYSÂNEAS MACIEL

Tudo indica que uma tomada de consciência realmente importante deverá começar após os trabalhos da Constituinte.

Muitas coisas ficaram claras no decorrer das batalhas que caracterizaram este período. Há, em primeiro lugar, a evidência de que não temos no país um quadro partidário claro que realmente represente os diversos setores da sociedade ou que preencha os anseios mínimos da população que continua frustrada, iludida e cansada de tantos casuismos, de tantas negociações e de tantos arranjos que envergonham uma nação que necessita encontrar o seu rumo, sua destinação histórica.

Creio que agora fica mais claro que a maneira de se fazer política deve sofrer a alteração básica necessária para que os diferentes setores populares apareçam com mais nitidez no cenário político para dar o tom de suas reivindicações e marcar sua presença inovadora nos processos decisórios. Embora a própria Constituinte tenha decorrido num clima antigo e superado de representantes que não representam e de parlamentares atados aos seus interesses pessoais, vários foram os caminhos e as vertentes que puderam mostrar a força e a presença dos setores populares na ANC. Fossem outros os parlamentares (ou que fossem eleitos por outros processos que não os viciados curráis eleitorais) a história teria sido inteiramente outra.

Resta agora, rearticulação partidária e nos processos de escolha saber como o procedimento será alterado.

Em seguida ficou evidenciado (talvez como nunca em nossa prática política) a que lado pertencem os vários parlamentares e políticos, que por malabarismos e manipulações sempre se travestiam de representantes populares. Dissipando-se gradativamente as brumas da ditadura estamos vendo, face à face, a verdadeira atuação de vários líderes políticos e enxergando com maior clareza as ligações que mantêm. Basta para isto lembrar a reação furiosa de alguns parlamentares do Centrão quando sindicatos e movimentos populares estamparam seus nomes em praça pública evidenciando sua participação contra os interesses da maioria da população. Esta é uma tarefa que tem de continuar para que o quadro partidário e os compromissos reais sejam mostrados para os eleitores. Sim, porque em campanha, até os setores piores do Centrão se dizem defensores dos interesses populares. Nossa principal tarefa é manter vivo na memória da população o desempenho destes homens. Tudo indica que o próprio povo saberá cortar, da vida pública, os elementos que não defendem seus interesses.

Na verdade este é um momento didático por excelência. A tarefa de um político realmente voltado para os interesses da população oprimida é eminentemente pedagógica, não no

sentido de "ensinar ao povo como votar", mas aquela do aprendizado mútuo, da troca saudável de experiências e de conhecimentos mútuos. Aprovada a Constituinte deveremos voltar nossas atenções para a ação política calcada na relação parlamentar eleitores Parlamento de uma forma clara e amplamente discutida e, aí sim; elaborar uma nova relação com o poder, lutar firmemente pela sua descentralização e contra o monopólio de decisões conforme se concentra hoje nas mãos dos parlamentares. Grande parte do nosso problema se resume, hoje, no fato (inegável) de que nossa democracia representativa não é representativa.

A tarefa de torná-la realmente representativa se apresenta como nossa principal atividade política para os próximos anos. Quero chamar a atenção, também, para o fato de que não estou inventando tudo isto, mas apenas mencionando tendências que se vão implantando gradativamente na prática cotidiana dos setores populares. O grave problema é que mesmo alguns parlamentares progressistas ainda não alteraram sua maneira de fazer política no dia-a-dia de suas atividades porque certamente ainda não sabem como fazê-lo no decorrer de seu relacionamento com as bases que o elegeram.

Não adianta muito lamentar porque não foi feita a Constituinte que queríamos e não adianta mais deplorar o fato

de que não teremos eleições ainda este ano para presidente da República. Com este Parlamento, que se mostrou especialmente insensível aos apelos e à necessidade do povo, o que precisamos fazer é aproveitar o que o momento tem de esclarecedor e revelador batilhando rapidamente para a alteração das relações que o povo mantém com seus representantes, exatamente em cima das experiências colhidas na elaboração da nova Carta. Do exame do que aconteceu como aconteceu, e das articulações que foram feitas para alterar resultados esperados e desejados pela população, deverão sair luzes para que diretrizes de uma ação política mais consequente sejam traçadas.

De qualquer maneira o desnudamento inequívoco a que foram submetidos os parlamentares trouxe elementos maiores e mais nítidos para a compreensão da trama política a nível nacional, e as consequências desta trama se fizeram notar. Quando, por obra dos movimentos populares, o repúdio a estas atitudes for nítido, creio que a face social do país começará a mudar, para melhor e substancialmente. O que não podemos é deixar impunes aqueles que abertamente traíram os anseios populares.

LYSÂNEAS MACIEL, 61, advogado, é deputado federal (PDT-RJ); foi deputado pelo MDB (cassado em 1976) e candidato derrotado ao governo do Estado do Rio de Janeiro pelo PT (1982).